

Os egressos do Programa de Vocação Científica do Rio de Janeiro e suas concepções sobre trabalho

Isabela Cabral Félix de Sousa

Resumo

Este estudo voltou-se para as concepções sobre trabalho dos egressos do Programa de Vocação Científica (Provoc) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, no Rio de Janeiro. Utilizando metodologia qualitativa, foram entrevistados 32 egressos individualmente, de 2007 a 2010, que concluíram o programa entre os anos de 2001 e 2007. Partindo-se da análise de conteúdo, foram criadas categorias para as respostas dos entrevistados: absorção completa pelo trabalho, aprendizado, autonomia, construção de uma sociedade melhor, desprazer, dificuldade de conseguir trabalho, inserção social, produtividade, realização, remuneração e voluntariado. Os resultados evidenciam valores contemporâneos ligados ao trabalho e à maturidade dos egressos na abordagem do tema. Na discussão são exemplificados alguns relatos e aponta-se para a

necessidade de incorporar a voz de jovens em propostas educacionais

Palavras chave: Iniciação Científica, Educação Não-formal, Trabalho, Egressos

Introdução

Para os jovens brasileiros que chegam ao Ensino Médio, este passa a ser o momento de escolha da profissão e de trajetórias para além dos muros escolares. A escolha da carreira pode ser experimentada em atividades extracurriculares. No caso do Programa de Vocação Científica (Provoc) da Fundação Oswaldo Cruz, os alunos compartilham expectativas, experimentam atividades científicas e participam dos rituais da profissão. Isto se dá em contextos onde é cada vez maior a pressão para níveis educacionais mais elevados, além da dificuldade, principalmente para os mais jovens, de obter e manter o emprego. As atividades de Iniciação Científica durante o Ensino Médio possibilitam aos jovens experimentar uma área da ciência e podem proporcionar ainda o desenvolvimento de vínculos e habilidades para a profissionalização.

De fato, a iniciação científica no Ensino Básico é vista com bons olhos. Por exemplo, Basarab Nicolescu (1999) nos diz:

“A iniciação precoce à ciência é salutar, pois ela dá acesso, desde o início da vida humana, à inesgotável riqueza do espírito científico, baseado no questionamento, na recusa de qualquer resposta pré-fabricada e de toda certeza em contradição com os fatos (p.144)”.

Para além desta visão, a experiência de alunos em qualquer programa educacional não formal, que visa uma experiência de profissionalização, pode confirmar ou despertar novos interesses do ponto de vista da inserção profissional futura. Nem sempre existe, porém, uma correspondência exata entre esta e os interesses dos alunos durante o período do programa. Se algumas vezes os egressos transformam as intenções iniciais em inserções profissionais no mesmo campo, isto não ocorre necessariamente.

Embora seja acertado dizer que programas educacionais podem melhorar muito seu trabalho, conhecendo melhor o que aconteceu com seus egressos de modo geral, estes estudos são menos comuns do que os realizados com alunos cursando os programas, visto a dificuldade maior de acesso após a conclusão.

Justificativa

As políticas públicas para a juventude passaram a ser o centro de muitos debates na América Latina, devido à vulnerabilidade social que atinge esse segmento da população. Abramovay et al. (2002) esclarecem que muitos jovens da

América Latina têm sido considerados em risco de uma enorme exclusão social desde 1990. Os autores alertam que a situação é preocupante, não apenas pela maior exclusão da juventude como de outros estratos populacionais, mas também porque a proporção de jovens neste continente era de quase 30% em 1990.

No caso do Brasil, Amélia Cohn (2006), em interessante análise sobre o papel do Estado, assinala que o sistema de proteção social no país tem sido fundado apenas no trabalho assalariado, e que os jovens não passaram a ser contemplados mesmo quando, a partir da década de 70 do século passado, houve uma expansão dos direitos sociais para os não contribuintes. Assim, essa autora argumenta que atualmente o trabalho não mais se constitui como uma forma universal de inserção e inclusão social dos indivíduos.

Apesar destas dificuldades, Abramovay et al. (2002) citam vários autores que acreditam que a vulnerabilidade pode ser combatida pelo fomento do capital social, isto é, um conjunto de fatores facilitadores de ações individuais e coletivas. Segundo Abramovay et al. (2002): “As pesquisas desenvolvidas a respeito vêm utilizando indicadores de capital social baseados na participação em organizações sociais, atitudes cívicas, cooperação e sentido de confiança (p. 63-64)”.

A promoção do acesso de jovens à educação e ao trabalho formal é, cada vez mais, preocupação essencial das

políticas de juventude. E ainda que haja esforços de democratização do acesso dos jovens a estas esferas, cabe lembrar que a formação brasileira para as mesmas ainda é profundamente elitista. Do mesmo modo, há um hiato entre a lei brasileira e a realidade. Embora a lei Darcy Ribeiro 9.394 de 1996, na Seção IV do Ensino Médio, diga que tem como uma das finalidades, descritas no seu § 2º: “A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores (TEIXEIRA et al. 1997, p.28)”, a concretização de todos estes potenciais nem sempre ocorre.

Teoricamente, é esperado que no Ensino Médio os alunos se preparem para o trabalho e façam escolhas profissionais orientados por habilidades já desenvolvidas e por fatores psicológicos, culturais e econômicos. Essas escolhas podem ter tanto orientação acadêmica como profissionalizante. Na prática tal escolha não costuma ser aleatória, e pode depender do capital cultural e da classe social de cada aluno.

Os jovens que finalizam o Ensino Médio deparam-se ainda com um mercado de trabalho cada vez mais complexo. Nas palavras de Lemos sobre a escolha profissional:

“A diversidade que o mundo pós-moderno oferece e sua constante renovação fazem com que o processo de constituição de identidade do indivíduo se torne mais complexo, uma vez que o mesmo

precisa ser constantemente redefinido, reordenado e remodelado em função das constantes escolhas (2001, p. 28)”.

Se por um lado há um grande leque de profissões possíveis, por outro existe um nível considerável de desemprego. Além disso, as relações de trabalho tendem a ser cada vez mais precárias para a maioria (BECK, 2000; GALLINO, 2002, LEMOS 2001), havendo um estímulo ideológico para que pessoas assumam responsabilidade individual pelo desemprego (SILVEIRA & CALHEIROS, 2004).

É bom lembrar, no entanto, que as trajetórias profissionais trilhadas podem ser construídas pelas oportunidades do mercado de trabalho e não simplesmente por interesses e vocações. E as escolhas profissionais são inegavelmente ligadas ainda aos valores associados ao trabalho, e que são continuamente construídos ao longo da história. Por exemplo, em brilhante análise histórica sobre espaço, família e trabalho, Ariès (1981) explica como, no caso europeu, até a Revolução Industrial e o Iluminismo, a comunidade, mais que a família, determinava a função social do indivíduo. Segundo o autor, mudanças nos séculos XIX e XX ocorreram de modo a alterar profundamente as relações espaciais, familiares e laborais. Entre as transformações referidas pelo autor, ocorreu a separação entre o lugar da casa e do trabalho, fazendo com que os indivíduos passassem a se deslocar de suas comunidades para trabalhar em locais

distantes e mesmo desconhecidos. O trabalho do indivíduo passou a ser desenvolvido no espaço público, submetido à hierarquia e à disciplina.

As novas relações de trabalho geraram, a partir da industrialização no final do século XIX, a necessidade da escolha profissional (FILOMENO, 2005). No entanto, a possibilidade de escolha continuou a depender, em larga medida, da classe social a que o sujeito pertence. Além da família, uma das instituições sociais que opera no sentido de orientar a escolha profissional é a escola. Tanto as instituições escolares são diferenciadas como o sistema educacional promove uma segregação interna que distingue os alunos e influencia seus percursos (NOGUEIRA e CATANI, 1998).

Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória dos egressos do Provoc, investigando se os interesses aprofundados no programa se viabilizaram de alguma forma em atividades e continuaram a fazer sentido na vida deles. Para este estudo, enfatizou-se as concepções dos egressos sobre o trabalho. O grupo, que constituiu o objeto desta pesquisa foi o daqueles ex-alunos que concluíram sua permanência no Provoc entre os anos de 2001 a 2007.

O Provoc foi criado em 1986 pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), e encaminha estudantes para diversos laboratórios e setores de pesquisa da Fundação

Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. O programa já teve mais de mil alunos. É o primeiro programa brasileiro a encaminhar estudantes de Ensino Médio a participarem de atividades em laboratórios de pesquisa. O programa se iniciou na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Estado do Rio de Janeiro e hoje em dia se desenvolve em vários outros estados brasileiros.

Metodologia

A metodologia do estudo foi qualitativa, fazendo uso de entrevistas. Utilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977) para avaliar os relatos dos alunos. Por princípios éticos, esclareceu-se aos participantes a natureza e os objetivos da pesquisa, solicitando concordância e colaboração, o que ocorreu mediante a apresentação de termos de consentimento, cuja assinatura é exigência habitual nos projetos de pesquisa envolvendo sujeitos.

Criou-se um questionário específico para esta pesquisa. Foram convidados a participar todos os egressos que tivessem concluído pelo menos o Provoc-Iniciação, ou seja, 12 meses do programa, independente de participação posterior no Provoc-Avançado.

Como se optou por iniciar as entrevistas com egressos participantes do Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica (PIBIC) da Fundação Oswaldo Cruz, uma das formas planejadas de primeiro contato com os mesmos foi através da observação de suas apresentações nas Reuniões Anuais de



Iniciação Científica (RAIC) da Fundação Oswaldo Cruz, nos anos de 2007, 2008 e 2009. Já os egressos não mais atuantes na Fundação Oswaldo Cruz, foram escolhidos aleatoriamente, a partir da indicação de colegas, orientadores e visitas dos mesmos à Fundação Oswaldo Cruz. O segundo procedimento foi o de “bola de neve”, solicitando-se aos entrevistados que apontassem outros colegas para possíveis entrevistas. Outro procedimento adicional para obter contatos foi a consulta aos arquivos do programa e aos currículos on-line de ex-alunos.

Discussão dos resultados

Foram entrevistados 32 egressos que concluíram o programa de 2001 a 2007. O grupo de entrevistados é relativamente homogêneo, visto que desse universo a maioria permanece desenvolvendo atividades científicas na instituição ou em universidades. Portanto, o Provoc contribuiu para o fomento de capital social entre a grande maioria dos jovens entrevistados. Conforme já se enfatizou no início, o aumento do capital social é uma das formas que pode levar à inserção social da juventude (ABROMOVAY et al., 2002). Portanto, o programa promove o acesso de jovens à educação não-formal e ao trabalho formal e o conseqüente capital social oriundo deste acesso. No entanto, houve dificuldade de se conseguir entrevistas com egressos que não continuaram em atividades científicas e é igualmente interessante conhecer as trajetórias dos que optaram por outros percursos não ligados à ciência.

Em termos de faixa etária, os entrevistados tinham entre 19 e 26 anos de idade. Por causa do maior contingente feminino, tanto no Programa de Vocação Científica quanto no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação Oswaldo Cruz, mais moças que rapazes foram entrevistados. Assim, dos trinta e dois (32) entrevistados, nove (9) são rapazes. Além disto, a grande maioria dos egressos entrevistados cursava o Ensino Superior no momento da entrevista, e três já estavam na pós-graduação. Apenas um aluno, por dificuldades financeiras, relatou não poder ter prestado o vestibular. Todos os demais 31 continuavam sendo estudantes, seja na graduação ou na pós-graduação. Para os entrevistados, a expectativa de classe social conta em relação à formação e profissionalização. Desta maneira, a maioria deles de classe média, que cursava a graduação pretendia, logo após a sua conclusão, cursar pós-graduação. Outros ex-alunos de estratos mais pobres ou de expectativas profissionais mais práticas, pretendiam fazê-lo somente depois de iniciada a vida profissional.

Considerando especificamente a questão sobre trabalho feita aos egressos, foram encontradas diversas categorias, que não são necessariamente excludentes. São elas: absorção completa pelo trabalho, aprendizado, autonomia, construção de uma sociedade melhor, desprazer, dificuldade de conseguir trabalho, inserção social, produtividade, realização, remuneração e voluntariado. A título de ilustrar

como as respostas demonstram concepções multifacetadas, algumas falas foram selecionadas. Por exemplo, as categorias de autonomia, realização e remuneração, aparecem, por exemplo, quando uma atual aluna de História, de 19 anos, nos diz: *"Trabalho é maneira de sobrevivência, principalmente para a minha mãe. Então eu queria ganhar dinheiro fazendo o que eu gosto porque é algo que se vai fazer para o resto da vida"*. De modo similar, outra estudante de História, com 21 anos, também elege significados parecidos ao debater o assunto. Para ela: *"Trabalho é aquilo que vai dar autonomia de maneira geral. O trabalho tem o fim prático (sustento, independência, ganhar dinheiro...), mas também tem o prazer de vê-lo realizado"*.

Há alguns egressos que, quando perguntados sobre o trabalho, refletiram sobre a atividade atual em termos de custo e benefício. Uma estudante de Farmácia, de 21 anos, e bolsista de iniciação científica comentou: *"Trabalho pode ser qualquer atividade remunerada ou não, onde você dedique tempo e tenha afazeres. Nessa lógica, ser Pibic (bolsista de iniciação científica) é um trabalho. O Pibic é um trabalho custo benefício, não é voluntário porque temos um auxílio e compensa as aprendizagens que adquirimos, que serão úteis para nosso currículo e vida profissional"*. Outra estudante de Biologia, com 21 anos, define: *"Trabalho emprego é aquele onde você pode ganhar um dinheiro considerável, enquanto no laboratório, o trabalho que desenvolve é o de atuar em*

conjunto com outras pessoas, desenvolvendo uma linha de pesquisa". Esta estudante explica que os dois tipos de trabalho podem ser o mesmo, mas no momento não é, por ser bolsista.

Cabe lembrar que houve poucas afirmações, onde o trabalho adquiriu conotações individuais e sociais como o da estudante de Biologia de 23 anos que afirma: *"Primeiro pensamos na questão financeira do trabalho. Precisamos amadurecer. Trabalho também é um processo de construção social. É através do trabalho que o indivíduo se dignifica. O trabalho está associado à construção da sociedade e do indivíduo. Quem não tem trabalho, fica à margem, no entanto é digno como ser humano"*. E duas estudantes chegaram mesmo a distinguir entre trabalhos mais e menos voltados para o social. Por exemplo, uma aluna de Medicina, que tem 21 anos, comenta ter optado pela clínica médica, pois o: *"Trabalho é uma forma de tentar ajudar quem você pode. Por isso, resolvi ficar em Medicina. O trabalho no laboratório é um pouco mais egoísta, e é só para eu crescer profissionalmente e intelectualmente"*. Também outra estudante de Medicina de 20 anos explica que o trabalho social não deve ser assistencial. Para ela: *"Trabalho tem que ser uma realização, dar prazer. Tem que ter fins lucrativos, mas tem que ser com fim social, coletivo. Não é fazer caridade, mas é ajudar a mudar"*. A consciência desta aluna sobre as diferenças entre trabalhos sociais foi revelada durante a entrevista, ao mencionar a sua inserção no movimento estudantil de Medicina.

Observou-se a ausência de menção dos entrevistados sobre as novas formas de produção, precárias e flexíveis. Apareceu, no entanto, o efeito da mesma no relato da estudante de Pedagogia, de 20 anos, que afirma: *"A sociedade hoje em dia é voltada para o trabalho, mas o trabalho deveria ser para liberar o homem e não reprimi-lo. O mundo do trabalho é opressor"*. Outro estudante de Medicina de 22 anos declara: *"Trabalho é importante, mas não pode ser em excesso. Tudo tem limite. É preciso separar um tempo para se divertir e namorar. Tenho aberto mão do meu tempo livre. Quero um tempo para fazer nada. Talvez consiga um tempo livre quando entrar na pós-graduação ano que vem"*. Embora nestes relatos acima se note como o indivíduo pode ser oprimido pelo trabalho, não há referências nem às causas e nem às conseqüências sociais da repressão laboral. E num mundo cada vez mais incerto, é importante discutir com os jovens como o conceito de trabalho mudou historicamente e de que modo novas formas laborais promovem desigualdades sociais e produzem novos significados no mundo do trabalho.

Finalmente, é importante salientar que a maioria das respostas dos egressos reflete vários valores contemporâneos ligados ao trabalho, não necessariamente críticos. No entanto, a análise de cada relato demonstra ainda, não só a complexidade do tema, mas também a maturidade dos entrevistados ao perceber o trabalho nas suas diversas dimensões. Fica, então, o desafio aos educadores,

orientadores e todos os que lidam com jovens para a contínua recriação de programas educacionais que reflitam as mudanças sociais do trabalho e incorporem as concepções e expectativas da juventude.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; Pinheiro, Leonardo de Castro; Lima, Fabiano de Sousa & MARTINELLI, Cláudia da Costa. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO: BID, 2002.
- ARIÈS, Philippe. A família e a cidade. In: Velho, Gilberto & Figueira, Sérvulo A. **Família, Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BECK, Ulrich. **Il lavoro nell' epoca della fine del lavoro. Tramonto delle sicurezze e nuovo impegno civile**. Torino: Giulio Einaudi, 2000.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional. A Estratégica Clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COHN, Amélia. O modelo de proteção social no Brasil: qual o espaço da juventude? In: NOVAES, Regina & VANNUCHI,

Paulo.(orgs.). **Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

FILOMENO, Karina. **Mitos familiares. Escolha profissional. Uma visão sistêmica.** São Paulo: Vetor Editora, 2005.

GALLINO, Luciano. **Il costo humano della flessibilità.** Roma-Bari: Laterza. 2002.

LEMONS, Coioá Geraiges de. **Adolescência e escolha profissional.** São Paulo: Vetor, 2001.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinariedade na educação.** São Paulo: TRIOM, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrani. **Pierre Bourdieu: escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVEIRA, Martha Andrade da Mota; CALHEIROS, Maria Izabel M. Quintas. Desemprego: Um fantasma na vida de orientandos e orientadores profissionais. In: VASCONCELOS, Zandre Barbosa de; OLIVEIRA, Inalda Dubeux. (orgs.) **Orientação Vocacional: Alguns aspectos técnicos e práticos.** São Paulo: Vetor, 2004.

TEIXEIRA, Thereza Martha de Sá; MEDEIROS, Celso Luiz Ramos de; LIMA JUNIOR, Delvanny de Souza; LEMOS, Leany Barreiro de Sousa. **Carta'. Lei Darcy Ribeiro número 9.394, de 1996. Diretrizes e Bases da**

Educação Nacional. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1997.

Sobre os autores:

Isabela Cabral Félix de Sousa é psicóloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora em Educação pela University of Southern California. Fez pós-doutorado em Demografia na Università La Sapienza. É professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz. Email isabelacabrafelix@gmail.com.

Ideas about work of alumni from a Scientific Vocation Program of Rio de Janeiro

Abstract

This study brings the conceptions about work of the graduates of the Scientific Vocation Program (Provoc) Polytechnic School of Health Joaquim Venancio, Rio de Janeiro. Using qualitative methodology 32 graduates were interviewed individually, from 2007 to 2010, which had completed the program between 2001 and 2007. Based on the content analysis, categories were created for the answers of the interviewees: full interest in work, learning, autonomy, building a better society, unpleasantness, difficulty of work, social inclusion, productivity, performance, salary and volunteer work. The

results reveal contemporary work-related values and the maturity of college graduates about the subject. Examples of reports are presented in the discussion, pointing out to the need to incorporate the voice of youth in educational proposals.

Keywords: Science scholarships, Non-formal Education, Labor, Alumni.